

Conversas com o presidente

Livro lançado pela Cia das Letras registra uma série de entrevistas realizadas pelo jornalista Roberto Pompeu com o Presidente Fernando Henrique Cardoso

LOURENÇO CAZARRÉ

Adversários e simpatizantes do presidente da República já têm à disposição, nas livrarias, um monumental dossiê sobre o pensamento de Fernando Henrique Cardoso, que aparece de corpo inteiro, sem maquiagem, no livro *O Presidente Segundo o Sociólogo*, editado agora pela Companhia das Letras. Seguramente, detratores ou partidários vão lançar mão da obra durante a campanha eleitoral. Para o bem ou para o mal.

A idéia do livro surgiu depois de uma longa entrevista que FHC concedeu a Roberto Pompeu de Toledo, da revista *Veja*, em setembro do ano passado. Na ocasião, falaram de temas genéricos. A editora Companhia das Letras viu aí uma oportunidade para ampliar o conhecimento dos cidadãos sobre o pensamento do homem mais importante do país.

Acerta a sugestão pelo presidente, ficou decidido que as entrevistas seriam sobre temas mais amplos, como globalização, partidos políticos e política internacional, fugindo do disse-que-disse das entrevistas comuns da imprensa. Partiram então para dez sessões - entre 27 de outubro a 20 de novembro do ano passado, na biblioteca do Palácio da Alvorada - que renderam

mais de vinte horas de gravação, agora estampadas nas 350 páginas do livro.

Numa época de informações fragmentadas - limitadas a uns poucos segundos na televisão ou às míseras trinta linhas de uma artigo de jornal -, o grande mérito deste livro é o aprofundamento. Nele, o presidente tem oportunidade de apresentar exaustivamente suas idéias sobre temas importantes que não têm muito espaço no imediatismo da imprensa, como, por exemplo, o racismo, as desigualdades e exclusão, traços marcantes da cultura brasileira.

Entrevistador e entrevistado combinaram ficar no campo das idéias gerais, sem derrapagens para o privado. Mas, com frequência, para explicar melhor

suas idéias, o professor Fernando Henrique Cardoso parte para exemplos em que se pode entrever o cidadão. Nessas digressões, estão alguns dos momentos mais interessantes do livro, que certamente farão a delícia dos opositores de FHC.

As entrevistas comprovam o amplo conhecimento que o sociólogo tem da nossa realidade. Ou dos livros que fala dela, pois foi ou é colega ou amigo dos principais estudiosos das nossas coisas. Já o político Fernando Henrique Cardoso está presente em todo o tempo, mas, de quando em quando, expõe-se mais, como no capítulo 25, quando fala sobre Ulysses Guimarães e Tancredo Neves: "O Ulysses era um pouco diferente do Tancredo. O Ulysses, de vez em quando cortava. O Tancredo não, postergava mais do que cortava. As pessoas acham que sou mais estilo Tancredo, que não corto. Estão

enganadas. Quando é necessário, tomo a decisão e acabou".

O presidente Fernando Henrique Cardoso acredita que uma de suas maiores qualidades seja a de saber ouvir os demais políticos, mesmo os que costumam fazer apenas "o jogo miúdo". Se declara disposto a conversar com todos, sempre, porque, como dizia Ulysses Guimarães, "o instrumento de trabalho do político é o cuspe, a saliva".

Já o professor de sociologia em Nanterre (França) e da USP nada de braçada nos temas que conhece bem. Experimentado na cátedra, jacta-se de saber explicar bem. E discorre com grande clareza, e não menor distanciamento e frieza, sobre temas como a exclusão dos negros e dos pobres no Brasil e da falta de igualdade entre os cidadãos. Apresenta muitos e argumentos para justificar nosso atraso em questões de cidadania e para explicar porque temos a sensação de viver num país que chafurda eternamente nas mesmas questões, como miséria, violência e arbitrariedade.

A trajetória das reformas propostas por FHC, que se arrastam há três anos no Congresso, parecem desmentir essa sua

"A trajetória das reformas propostas por FHC, que se arrastam há três anos, parecem desmentir essa sua capacidade professoral, porque os deputados e senadores ainda não foram seduzidos pelos seus argumentos"



Fernando Henrique Cardoso reclama da falta de uma oposição consistente no Brasil

capacidade professoral, porque os deputados e senadores ainda não foram seduzidos pelos seus argumentos sobre a necessidade de mudar. A reforma da Previdência é um bom exemplo. No recente episódio em que chamou de vagabundos os aposentados precoces, sentia-se a

mágoa do mestre cuja lição não foi bem compreendida pelos alunos: os parlamentares. E viu-se também a habilidade do político que prefere brigar com essa coisa informe - aposentados precoces - do que enfrentar os verdadeiros culpados pelo problema: os congressistas que se

recusam a mudar uma lei claramente iníqua.

No texto de abertura, o autor das entrevistas chega se perguntar se o livro não poderia ser visto como uma peça de propaganda de FHC, já que circula num ano eleitoral. Conclui que não, porque se trata de mais um elemento - muito importante - para o debate das idéias, coisa que tem faltado nas campanhas brasileiras. É verdade. Mas o livro não é peça de propaganda também porque a elite brasileira que vai comprá-lo já tem posição firmada. Liminarmente, é contra ou a favor. O livro tanto dá elementos para os que julgam que FHC é u

m dos presidentes melhor preparados do mundo quanto para aqueles que o consideram vaidoso, frio e distante dos problemas sociais. É escolher. Nos primeiros capítulos do livro - sobre exclusão, desigualdade, alianças políticas e mudanças políticas - sobressai o sociólogo, o atento estudioso da vida brasileira. No quinto capítulo, sobre o Plano Real, tem-se ótimas informações de bastidor sobre a armação do programa que garantiu a FHC a presidência. Nos capítulos 6, 7 e 8 o presidente mostra seu amplo conhecimento de política internacional. O décimo-primeiro capítulo mostra um governante espantado com a leviandade da imprensa atual e um cidadão afrontado pela baixa qualidade da televisão, embora, em momento algum, encampe qualquer tipo de censura, mesmo contra os mais escrachados dos "pornogramas" de tevê. Reforma política, do Estado, federação, militares, Nordeste, índios, fisiologia, violência e drogas são alguns dos muitos temas analisados por Fernando Henrique Cardoso.

Como muitos livros semelhantes, esse deixa transparecer a solidão de quem exerce o poder. O presidente queixa-se que não tem oposição

consistente, porque a direita não existe no Brasil e a esquerda lhe faz apenas críticas de cunho pessoal, caso a caso, sem contestar-lhe o modelo. Talvez esteja insinuando que lhe falta uma oposição competente, crítica, que o forçasse a ser mais incisivo nas ações sociais. Aliás, foi o que vimos, agora, no caso da seca, quando o avião presidencial só decolou de Brasília depois que o noticiário sobre a miséria dos flagelados atingiu proporções incomuns no horário nobre da tevê. A imprensa pode não fazer oposição a FHC, mas é inegável que influi muito mais nos rumos do governo do que a oposição, que não construiu um modelo alternativo nos últimos anos, e nem parece tê-lo ainda, neste início de campanha eleitoral.

■ O PRESIDENTE SEGUNDO O SOCIOLOGO - Entrevistas do Presidente Fernando Henrique Cardoso concedidas ao jornalista Renato Pompeu/Ed. Cia das Letras